

República

Director: CARVALHÃO DUARTE
Director Adjunto: ALFREDO GUIASADO

QUINTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1967

O governo de Atenas afirma que a contra-revolução foi esmagada

LONDRES, 14 — A Grécia encontrava-se esta madrugada à beira da guerra civil, com dois chefes de Estado, dos governos e um exército dividido entre o rei Constantino e os militares conservadores, que

cadeia de acontecimentos — até agora principalmente uma guerra de palavras, embora notícias não confirmadas se

tenham referido a luta no centro da Grécia e na Trácia.

O regime militar chefiado
(Continua nas págs. centrais)



Um aspecto do combate ao incêndio, no Interior do Teatro quando o tecto ainda não tinha abatido

O TEATRO AVENIDA REDUZIDO A UM MONTÃO DE RUINAS CALCINADAS

- Os bombeiros ocupam-se da remoção de destroços
- Milhares de contos de prejuízo

O incêndio que ontem à noite destruiu o Teatro Avenida veio desferir mais um rude golpe no panorama teatral português, que tão infeliz tem andado nos últimos tempos.

Quatro salas de espectáculo foram pasto das chamas nos últimos três anos: o Dona Maria II, o Variedades, o Condes e agora o Avenida.

Causas? Desta vez, segundo parece, um curto-circuito. De todas as vezes, sem dúvida nenhuma, um conjunto de circunstâncias que permitem es-

te tipo de sinistros e que se podem definir com uma palavra: incúria. De facto, que condições de segurança apresentam os teatros portugueses, cujos palcos e cujas salas se encontram edificadas sobre estruturas velhíssimas, sem protecção deficiente Será normal que quatro teatros ardam

em tão curto período? Será natural que se percam sucessivamente milhares de contos e que, entretanto, não se tomem, de uma vez por todas, as medidas indicadas para atenuar o perigo?

Sabe-se que de um incêndio nenhum edifício, nenhuma sala

(Continua nas págs. centrais)

- Não se sabe ainda qual será o destino próximo da Companhia do Teatro Nacional

Os comandantes leais ao rei foram presos
A ESQUADRA GREGA dirige-se para Creta a fim de apoiar o rei contra o regime militar (dizem notícias não confirmadas)

se apoderaram do poder no golpe de Estado de Abril último.

A acção na manhã de ontem do soberano de 27 anos, ao apelar para as forças arresendeou rapidamente uma madas para se juntarem a ele,

Quando a solidariedade não se confina a palavras

Releve-se nos o lugar comum ao afirmarmos: Não está só quem tantos e tão bons amigos tem.

Não estão sós, aqueles por quem dirigimos este apelo. E a prová-lo está a lista de nomes que diariamente temos vindo a publicar.

São dadas de amigos, que não têm as possibilidades das grandes empresas, nem dos de grande fortuna. No entanto, possuem um espírito de solidariedade, camaradagem e amizade que ninguém supera. E trabalho, esforço e abnegação, o que eles entregam, e não o que lhes sobre, o que tenham a mais, ou o que lhes não faça falta...

Por isso, mais uma vez, e sempre, não podemos deixar de prestar as nossas homenagens a estes nossos amigos, a estas dezenas de pessoas que transformam a espontaneidade da dádiva num gesto simples de amor ao próximo, sem

trombetas festivas a anunciar o gáudio da generosidade ostensiva.

Já o dissemos: dar é receber, acumular amizade. E são justamente estes predicados que podem e devem distinguir os homens que o egoísmo ainda mal estragou.

Aqui deixamos, portanto, mais uma vez o nosso obrigado, e o registro de mais uma lista de donativos:

Transporte	5 415\$00
L. A. B. T. (31 de Janeiro - 5 de Outubro).....	200\$00
A. R. P.	20\$00
Manuel Natálio, Lisboa.....	20\$00
Brigadeiro João Barrosa, Porto	50\$00
José D. Urbano, Xabregas	20\$00
Alvaro S. Guerreiro, Lisb.	50\$00
José F. Ferreira, Porto.....	100\$00
Em memória de uma Luz que se apagou.....	100\$00
Mateus da Silva Gregório, Portimão	100\$00
José Valério Silva Moedas, em homenagem a meus pais, os Democratas António Silva Moedas e Maria Emília Valério Moedas, Chamusca	100\$00
A transportar.....	6 175\$00



O espectáculo oferecido, esta manhã, pelo Teatro Avenida

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA CENSURA

AS MÁS CONDIÇÕES DA INSTALAÇÃO ELÉCTRICA DEVEM ESTAR NA ORIGEM DO FOGO QUE CONSUMIU O THEATRO AVENIDA

(Continuado da 1.ª página)

la de espectáculos estão livres. Mas — repetimos — não será exagerado aceitar que uma simples coincidência pode explicar a série de fogos destruidores a que temos vindo a assistir?

A FALTA DE AGUA — FACTOR DECISIVO NA PROGRESSÃO DO INCÊNDIO

Com o incêndio do Teatro Avenida uma companhia sofre, também, um duro revés: a empresa de Amélia Rey Colaço, que ficara sem teatro quando do incêndio do Nacional vê-se agora a braços com o mesmo problema. Uma compa-

te a impotência dos que presenciaram o sinistro.

«Se eu tivesse dois ou três baldes de água, tinha conseguido evitar que as chamas progredissem», afirmou o carpinteiro Joaquim da Silva, que foi alertado pelo chiar do incêndio, logo depois do fiscal Henrique Alves ter lançado os primeiros gritos de alarme. Porém, não havia água. O fogo pro-

greuiu, dando tempo apenas aos actores para saírem dos camarins, salvando apenas o que puderam.

Parece confirmar-se a hipótese de curto-circuito

Hoje de manhã o Teatro Avenida era uma grande cratera voltada para o céu. Onde fora a sa-

la que tantas noites de alegria e de arte conhecera, agora apenas um montão de ruínas. O palco nada mais que matérias calcinadas. Nada restou. A plateia completamente arrasada pelo desmoronamento do tecto do teatro, que se seguiu à queda do pano de ferro do palco, é um amontoado de destroços, uma desagradável visão de guerra. Apenas as galerias laterais ficaram de pé. Durante toda a noite os bombeiros sapadores — cuja acção foi, como sempre, notável — lutaram ainda para anular pequenos focos de incêndio que aparecem sempre nestes casos. Brigadas revezaram-se de quatro em quatro horas, a fim de não deixar o teatro sem vigilância por um minuto sequer. Esta manhã nove elementos do B. S. B., comandados pelo subchefe Botelho, estiveram empunhados na remoção dos destroços, em viaturas dos Bombeiros. O 2.º comandante do B. S. B., major Lopes da Conceição acompanhado do chefe Carmo, estiveram no teatro, a fim de se inteirarem da maneira como estavam a decorrer as operações de rescaldo e de tentarem averiguar a causa verdadeira do incêndio.

Segundo se crê, a origem do sinistro deve ter sido um curto-circuito verificado na cabina do electricista, o que teria determinado o começo do fogo no lado esquerdo do pano da boca. As chamas

As empresas proprietárias deviam velar pelos seus teatros

Assim que se soube do incêndio em Lisboa — o claro avistava-se de toda a cidade — começaram a afluir ao local numerosos artistas, escritores, intelectuais, personalidades ligadas ao teatro, que não quiseram deixar de manifestar a sua solidariedade a Amélia Rey Colaço, esta também chegada ao Avenida pouco tempo depois de ter começado o incêndio.

Além dos actores que se encontravam nos camarins, a fim de se prepararem para a representação de uma das peças em cena no teatro, «Feliz Aniversário», de Harold Pinter, (Sinde Filipe, Baptista Fernandes, Herminia Tojal, Josefina Silva, Paiva Raposo, Pedro Lemos) acorreram imediatamente, Armando Cortes, Fernanda Borsati, Lurdes Norberto, João Perrey, Rogério Paulo, o encenador Artur Ramos, os escritores Sitau Monteiro e David Mourão Ferreira, e muitas outras individualidades ligadas ao teatro, como o empresário Hermes Portela, o cenógrafo Mário Alberto, etc. Em todos se reflectia a grande decepção sofrida.

Artur Ramos disse-nos: — Não posso conceber que se trate de simples coincidência os incêndios ultimamente verificados nos teatros de Lisboa.

Vasco Morgado: — As instalações eléctricas dos teatros estão muito antiquadas. Essa pode ser uma das causas da série de fogos que se tem registado.

Hermes Portela: — Quanto a mim, a principal causa dos incêndios nos teatros é a incúria a que a sua conservação está votada, pois a verdade é que qualquer beneficiação é sempre feita por conta do empresário e não da empresa proprietária, que tem, no fundo, a principal obrigação de velar pelos seus valores.

Pedro Lemos, ainda caracterizado, preparado para entrar em cena:

— Não posso dizer nada. É uma grande perda. Uma perda irreparável. Estou ligado ao Avenida por vários laços de trabalho que não posso esquecer.

Alguns soluções serão encaradas — prometeu o ministro

Pouco depois de ter começado o incêndio compareceram no local o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o secretário nacional da Informação, e, finalmente, o próprio ministro da Educação, que quis inteirar-se das proporções do sinistro.

Estas individualidades estiveram, depois, a conversar, trocando impressões acerca de uma possível acção conjunta a desenvolver no sentido de apoiar a companhia. O empresário Vasco Morgado ofereceu-se para solucionar

provisoriamente o problema apresentando várias sugestões: entre elas a instalação da empresa Rey Colaço no Monumental, alternando com a companhia que ali está a trabalhar, ou no Capitólio.

O presidente da Câmara encareceu também a hipótese de aproveitamento do teatro da Estufa Fria. No entanto, há que ter em conta a situação da companhia de Augusto de Figueiredo, que ali está a actuar.

Por enquanto, porém, não se sabe qual será a solução encarada pelas entidades competentes, havendo somente a certeza de que alguma solução será encarada com brevidade, como o ministro da Educação prometeu.

STTAU: começo a ter pena do teatro nacional...

O escritor Sitau Monteiro e o actor Rogério Paulo foram das individualidades ligadas ao Tea-

tro, as últimas cujas declarações registámos. Chegaram quando o rescaldo estava prestes a terminar. Ambos manifestavam a sua mágoa ante a triste ocorrência.

— Começo a ter pena do Teatro Nacional — declaro-nos Sitau Monteiro. Não ardem os cinemas, mas apenas os teatros. Qual é que trará a seguir?

Rogério Paulo afirmou: — É menos uma oficina. É lamentável esta tragédia.

BREVE NOTICIA NECROLÓGICA DE UM THEATRO

O Teatro Avenida, a quarta sala a ser destruída pelo fogo no espaço de três anos, era um dos mais antigos templos teatrais da capital e um daqueles que contava com maiores tradições. Todos os grandes actores portugueses nele trabalharam, desde a sua fundação, em 1888.

Mandado construir pelo músico Miguel Angelo Lambertini, em estilo do Renascimento italiano, foi edificado num terreno pertencente a João Salgado Dias, que se encontrava associado a Alexandre Mó e Ernesto Desforges.

O teatro era constituído primeiramente por um só piso, no qual se incluía um salão de música Luis XV, decorado por Malhoa. Mais tarde, o edifício foi aumentado com um andar.

Em 1908, escrevia-se no Almanaque Enciclopédico Ilustrado: «O Teatro Avenida na actual época explora a opereta. Pode ser que desta feita termine a «macaca», que ordinariamente o perseguia».

Esse teatro perseguido pela «macaca» teve agora o seu epílogo. O seu fim não negou a pouca sorte que conheceu desde a sua inauguração e ao longo das sucessivas gerências.

No Avenida representaram Estêvão Amarante, Palmira Bastos, Alves da Cunha, Eunice Muñoz, os grandes actores Taborada e António Pinheiro, Eduardo Brazão, João Villaret e tantas outras glórias da cena portuguesa. Amélia Rey Colaço e a sua companhia ocupavam o teatro desde há três anos, quando outro incêndio destruiu o Dona Maria II.

progrediram rapidamente, destruindo todo o palco, cenários, guarda-roupa, etc.

AMÉLIA REY-COLAÇO: A dor indescritível



É impossível falar do que exprime o rosto de Amélia Rey Colaço. A actriz rodeada de alguns elementos da sua companhia, entre os quais sua filha, Mariana Rey Monteiro, não queria fazer declarações. O rosto escondido entre as mãos. Um abatimento visível. Amélia apoiava-se a uma árvore (uma das poucas árvores que ainda restam na Avenida da Liberdade). Constatamos Os traços de dor não impediam, porém, a dignidade da actriz a que todos nos temos habituado ao longo de uma carreira que tem já cinquenta anos. Cinquenta anos festejados há pouco.

— Não posso dizer nada, não posso dizer nada.

A actriz pode, apenas, apertar-nos a mão. Com força. Com desespero.

Os repórteres insistem. Uma lágrima assoma ao olho de D. Amélia Rey Colaço.

— Meus senhores, tenham respeito... — pede, dolorosamente.

Ninguém insistiu. Amélia, a querida actriz, que todos acompanhámos, dissera tudo. Tudo o que era possível dizer.

COLÓQUIO sobre o problema habitacional

Os trabalhos do Colóquio sobre o problema habitacional, promovido pela Associação dos Inquilinos Lisbonenses, interrompidos pela tragédia que assolou a região de Lisboa, recomeçaram ontem às 21 horas, no auditório da Fundação Gulbenkian, com a conferência do sr. eng.º Alfredo Bruto da Costa sobre o tema «A construção de habitações e o desenvolvimento económico — investimentos e prioridade no planeamento nacional».

Hoje e amanhã, também às 21 horas, haverá novas sessões de trabalho para debate dos temas: «Programas de emergência e recursos latentes»; «Para uma política do solo»; «Aprovação das conclusões e encerramento».

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS A.O. SERVIÇO DO PAÍS

VASCO MORGADO:
«Neste Teatro me estreei como empresário»

O empresário do Avenida, Vasco Morgado, estava no Parque Mayer, onde se encontram instaladas algumas das salas de espectáculo que mantêm a sua exploração, e accorreu imediatamente ao local do incêndio, em frente do parque, assim que o clarão do fogo foi avistado.

Vasco Morgado fez-nos a seguinte declaração:
— Sou empresário deste teatro desde há dezasseis anos, e foi aqui que me estreei com a peça «Está lá fora o inspector», de Priestley, que Villaret interpretou de maneira inesquecível. Por esta razão, aos prejuízos materiais que sofro — em todo o caso não comparáveis àqueles que atingem lamentavelmente Amélia Rey Colaço — acrescentam-se à profunda comoção que me causa ver morrer uma casa a que me encontro tão ligado. Ver morrer um teatro é como ver morrer um amigo!

nhia sem teatro, marcada pelo infortúnio e atingida pela tragédia precisamente na altura em que enalava passos importantes no sentido de uma actualização que todo o público exigia. Não se trata, porém, de julgar o valor da companhia do Estado, nem a sua utilidade, nem a sua história. Trata-se de lamentar que mais um teatro assim morra, assim aronize perant-

CEUTA
PASTELARIA
RESTAURANTE
SNACK-BAR

Serviços de Lanches para Banquetes, Casamentos e Baptizados

Especialidade em BOLE REI

Avenida da República, 20-C
Telefones 53 13 05 53 28 71
ABERTO ATÉ AS 2 HORAS

República
ESTABELECIMENTO de JOAO ANDRE MONRAIA
ALCACER DO SAL